

Dear Portuguese readers,
Thank you so much for
checking out The Housemaid!
I hope you enjoy it!
Best wishes from Boston,
Freida McFadden

FREIDA McFADDEN

A CRIADA

Tradução de
Carla Ribeiro

alma
dos
livros

Prólogo

Se sair desta casa, será algemada. Devia ter fugido enquanto podia. Agora, a minha oportunidade desapareceu. Neste momento, os polícias estão na casa e descobriram o que está no andar de cima, não há volta atrás.

Estão a cerca de cinco segundos de me ler os meus direitos. Não sei muito bem por que não o fizeram ainda. Talvez esperem induzir-me a dizer-lhes algo que não devia.

Boa sorte com isso.

O polícia com o cabelo preto raiado de grisalho está sentado ao meu lado no sofá. Muda a posição do seu corpo entroncado sobre o cabedal italiano cor de caramelo queimado. Pergunto-me que tipo de sofá terá em sua casa. Não um, certamente, com um preço de cinco dígitos como este. Provavelmente será de uma cor foleira como *laranja*, coberto de pelo de animais de estimação e com mais do que um rasgão nas costuras. Pergunto-me se estará a pensar no sofá em sua casa e a desejar ter um como este.

Ou, mais provavelmente, está a pensar no cadáver no sótão.

– Vamos recapitular isto mais uma vez, então – diz o polícia, no seu sotaque de Nova Iorque. Disse-me há pouco o seu nome, mas voou-me da cabeça. Os polícias deviam usar crachás vermelho-vivo. De que outra forma havemos, possivelmente, de recordar

os seus nomes numa situação de *stress* elevado? É um detetive, acho eu. – Quando encontrou o cadáver?

Hesito, perguntando-me se esta seria a altura certa para exigir um advogado. Não é suposto disponibilizarem-me um? Estou enferrujada quanto a este protocolo.

– Há cerca de uma hora – respondo.

– Por que foi lá acima em primeiro lugar?

Aperto os lábios.

– Já lhe disse. Ouvi um som.

– E...?

O agente inclina-se para a frente, de olhos arregalados. A sombra áspera de uma barba cobre-lhe o queixo, como se tivesse esquecido de se barbear esta manhã. A sua língua projeta-se ligeiramente de entre os lábios. Não sou estúpida – sei exatamente o que quer que eu diga.

Fui eu. Sou culpada. Levem-me.

Em vez disso, recosto-me no sofá.

– É tudo. É só isso que eu sei.

A desilusão inunda o rosto do detetive. Move o maxilar enquanto pensa nas provas encontradas até ao momento nesta casa. Pergunta-se se já tem o suficiente para me pôr as algemas nos pulsos. Não tem a certeza. Se tivesse, já o teria feito.

– Ei, Connors!

É a voz de outro agente. Quebramos o contacto visual e eu olho para o cima das escadas. O outro polícia, muito mais novo, está lá plantado, os longos dedos agarrados ao topo do corrimão. O seu rosto liso está pálido.

– Connors – diz o agente mais novo. – Tem de vir cá acima. *Já*. Tem de ver o que há aqui em cima – mesmo do fundo das escadas, consigo ver o oscilar da sua maçã-de-adão. – Não vai acreditar.

PRIMEIRA PARTE

TRÊS MESES ANTES

1

MILLIE

— **F**ale-me sobre si, Millie. Nina Winchester inclina-se para a frente no seu sofá de cabedal cor de caramelo, as pernas cruzadas para revelar apenas o mais ligeiro vislumbre dos seus joelhos a espreitar da sua sedosa saia branca. Não percebo muito de marcas, mas é óbvio que tudo o que Nina Winchester tem vestido é dolorosamente caro. A sua blusa creme faz-me desejar estender a mão para sentir o tecido, ainda que um ato desses significasse não ter qualquer hipótese de ser contratada.

Para dizer a verdade, não tenho hipóteses de ser contratada seja como for.

— Bem... — começo, escolhendo cuidadosamente as palavras. Mesmo após todas as rejeições, continuo a tentar. — Cresci em Brooklyn. Tive muitos trabalhos a fazer tarefas domésticas para as pessoas, como pode ver pelo meu currículo — o meu *cuidadosamente adulterado* currículo. — E adoro crianças. E também... — olho em redor da sala, à procura de um brinquedo de roer de um cão ou de uma caixa de areia de um gato. — Também adoro animais?

O anúncio *online* para o lugar de empregada doméstica não referia animais de estimação. Mas mais vale jogar pelo seguro. Quem não aprecia uma amante de animais?

– Brooklyn! – a Sra. Winchester sorri – Eu também cresci em Brooklyn. Somos praticamente vizinhas!

– Sim! – confirmo, ainda que nada pudesse andar mais longe da verdade. Há muitos bairros cobiçados em Brooklyn onde uma vivenda minúscula custa um braço e uma perna. Não foi aí que eu cresci. Nina Winchester e eu não poderíamos ser mais diferentes, mas se ela quer acreditar que somos vizinhas, então tenho todo o gosto em alinhar.

A Sra. Winchester enfia uma madeixa de brilhante cabelo louro-acastanhado atrás da orelha. Os seus cabelos chegam-lhe à altura do maxilar, num corte moderno que disfarça o seu duplo queixo. Tem trinta e muitos anos e, com um penteado diferente e outras roupas, teria um aspeto muito banal. Mas utilizou a sua considerável fortuna para tirar o máximo partido do que tem. Não posso dizer que não respeite isso.

Eu segui o sentido exatamente oposto com a minha aparência. Posso ser mais de dez anos mais nova do que a mulher sentada à minha frente, mas não quero que se sinta de todo ameaçada por mim. Assim, para a minha entrevista, escolhi uma longa e grossa saia de lã que comprei na loja de artigos em segunda mão e uma blusa branca de poliéster com mangas em balão. O meu cabelo louro-escuro está apanhado num coque severo atrás da cabeça. Comprei, até, um par de desnecessários e demasiado grandes óculos de tartaruga, que tenho empoleirados na ponta do nariz. Pareço profissional e absolutamente nada atraente.

– Quanto ao trabalho – diz –, será sobretudo limpar e cozinhar algumas refeições ligeiras, se for capaz. É boa cozinheira, Millie?

– Sou, sim – o meu à-vontade na cozinha é a única coisa no meu currículo que não é mentira. – Sou uma excelente cozinheira.

Os seus claros olhos azuis iluminam-se.

– Isso é maravilhoso! Sinceramente, quase nunca fazemos uma boa refeição caseira – solta uma risadinha. – Quem tem tempo para isso?

Reprimo qualquer tipo de resposta crítica. Nina Winchester não trabalha, só tem uma filha, que está o dia inteiro na escola,

e vai contratar alguém para fazer todas as suas limpezas por ela. Até vi um homem no enorme pátio da frente a fazer a sua jardinagem por ela. Como é possível que não tenha tempo para preparar uma refeição à sua pequena família?

Não devia julgá-la. Não sei nada sobre a sua vida. Só porque é rica, não quer dizer que seja mimada.

Mas se tivesse de apostar cem dólares numa das opções, apostaria que Nina Winchester foi estragada com mimos.

– E vamos também precisar de ajuda ocasional com a Cecelia – diz a Sra. Winchester. – Talvez levá-la às aulas da tarde ou aos seus encontros com as amigas. Tem carro, não tem?

A pergunta quase me dá vontade de rir. Sim, tenho carro – é *tudo* o que tenho neste momento. O meu *Nissan* de dez anos está a empestar a rua em frente à sua casa e é onde atualmente vivo. Tudo o que possuo está na mala desse carro. Passei o último mês a dormir no banco de trás.

Ao fim de um mês a viver num carro, damo-nos conta da importância de algumas das pequenas coisas da vida. Uma sanita. Um lavatório. Poder esticar as pernas enquanto dormimos. É dessa última que mais sinto a falta.

– Sim, tenho carro – confirmo.

– Excelente! – a Sra. Winchester bate palmas. – Fornecer-lhe-ei uma cadeira de automóvel para a Cecelia, claro. Só precisa de um assento. Ainda não tem bem a altura e o peso certos para passar sem ele. A Academia de Pediatria recomenda...

Enquanto Nina Winchester fala monotonamente sobre os requisitos exatos de altura e peso para as cadeiras de automóveis, eu tiro um momento para observar a sala de estar. A mobília é toda ultramoderna, com a maior televisão de ecrã plano que eu já vi, certamente de alta definição e com colunas de som *surround* incorporadas em todos os cantos da sala para uma experiência ideal de escuta. Num dos cantos está o que parece ser uma lareira funcional, com a cornija coberta de fotografias dos Winchester em viagens a todos os cantos do mundo. Quando ergo o olhar, o teto absurdamente alto brilha sob a luz de um resplandecente candelabro.

– Não lhe parece, Millie? – diz a Sra. Winchester.

Pisco-lhe os olhos. Tento puxar a memória atrás e perceber o que acabou de me perguntar. Mas desapareceu.

– Sim? – respondo.

Seja o que for que acabei de concordar deixou-a muito feliz.

– Fico *tão* satisfeita por também pensar assim.

– Sem dúvida – digo, desta vez de forma mais firme.

Ela descruza e volta a cruzar as suas pernas algo entroncadas.

– E, claro – acrescenta –, há a questão da sua remuneração. Viu a oferta no meu anúncio, certo? É aceitável para si?

Engulo em seco. O número no anúncio é mais do que aceitável. Se eu fosse uma personagem de desenhos animados, ter-me-iam aparecido cifrões em ambos os globos oculares ao ler aquele anúncio. Mas o dinheiro quase me impediu de me candidatar ao emprego. Ninguém a oferecer assim tanto dinheiro, a viver numa casa destas, alguma vez pensaria em contratar-me.

– Sim – consigo responder. – Está ótimo.

Ela arqueia uma sobancelha.

– E sabe que é um trabalho em regime interno, certo?

Estará a perguntar-me se não me importo de deixar o esplendor do banco de trás do meu *Nissan*?

– Certo. Eu sei.

– Fabuloso! – puxando a bainha da saia, levanta-se. – Gostaria de fazer uma visita guiada, então? Para ver no que se está a meter?

Levanto-me também. Com os seus saltos altos, a Sra. Winchester ultrapassa-me nos meus sapatos rasos em apenas alguns centímetros, mas parece muito mais alta.

– Parece-me ótimo!

Guia-me pela casa com meticoloso pormenor, ao ponto de me fazer reçar ter entendido mal o anúncio e que talvez ela seja uma agente imobiliária a pensar que eu estou pronta para a comprar. É *realmente* uma bela casa. Se tivesse quatro ou cinco milhões de dólares a abrir-me um buraco no bolso, agarrá-la-ia. Além do piso térreo, com a gigantesca sala de estar e a recém-remodelada cozinha, o primeiro andar da casa inclui o quarto

principal dos Winchester, o quarto da filha de ambos, Cecelia, o escritório doméstico do Sr. Winchester e um quarto de hóspedes que bem podia ter saído do melhor hotel de Manhattan. Ela para dramaticamente diante da porta seguinte.

– E aqui... – anuncia, escancarando a porta. – É o nosso cinema em casa!

É um verdadeiro cinema *mesmo dentro de casa* – além da enorme televisão no andar de baixo. Esta sala tem várias filas de cadeiras em anfiteatro, voltadas para um monitor do chão ao teto. Há, até, uma máquina para fazer pipocas a um canto do espaço.

Ao fim de um momento, percebo que a Sra. Winchester está a olhar para mim, à espera de uma reação.

– Uau! – digo, com o que espero tenha sido o entusiasmo adequado.

– Não é maravilhoso? – ela estremece de prazer. – E temos todo um acervo de filmes de onde escolher. Claro que também temos todos os canais habituais, bem como serviços de *streaming*.

– Claro – respondo.

Depois de sairmos da sala, chegamos a uma última porta ao fundo do corredor. Nina hesita, a mão a demorar-se no puxador.

– Seria este o meu quarto? – pergunto.

– Mais ou menos... – roda o puxador, que range ruidosamente. Não posso deixar de reparar que a madeira desta porta é muito mais grossa do que a de qualquer das outras. Atrás do umbral, está uma escadaria escura.

– O seu quarto é lá em cima. Também temos um sótão acabado.

Esta escadaria estreita e escura é um pouco menos glamorosa do que o resto da casa – e matá-los-ia pôr uma lâmpada aqui em cima? Mas, claro, sou a criada. Não esperaria que gastasse tanto dinheiro no meu quarto quanto no cinema em casa.

Ao cimo das escadas está um pequeno corredor estreito. Ao contrário de no primeiro andar, o teto aqui é perigosamente baixo. Não sou alta, mas quase sinto que preciso de me curvar.

– Tem a sua própria casa de banho – diz ela, apontando para a porta da esquerda. – E este aqui seria o seu quarto.

Abre a última porta. Está completamente escuro no interior até que ela puxa um fio e o quarto se ilumina.

É um quarto minúsculo. Não há outra forma de o dizer. E não só isso, o teto inclina-se com o telhado da casa. O lado mais afastado apenas chega sensivelmente à minha cintura. Em vez da enorme cama de casal do quarto principal dos Winchester, com o seu roupeiro e o seu toucador castanho, este quarto contém uma cama de solteiro, uma estante de meia altura e uma pequena cómoda, iluminadas por duas lâmpadas nuas suspensas.

É um quarto modesto, mas por mim tudo bem. Se fosse *demasiado* agradável, seria uma certeza não ter qualquer hipótese em conseguir este emprego. O quarto ser uma porcaria significa que talvez os seus padrões sejam suficientemente baixos para eu ter uma pequena, muito pequena, hipótese.

Mas há algo mais neste quarto. Algo que me incomoda.

– Desculpe ser pequeno – diz a Sra. Winchester, franzindo o sobrolho. – Mas terá muita privacidade aqui.

Dirijo-me à única janela. Tal como o quarto, é pequena. Pouco maior do que a minha mão. E tem vista para o jardim das traseiras. Está um jardineiro lá em baixo – o mesmo tipo que vi à entrada – a podar uma das sebes com uma tesoura enorme.

– O que lhe parece, então, Millie? Gosta?

Viro costas à janela e encaro o rosto sorridente da Sra. Winchester. Ainda não consigo perceber ao certo o que me incomoda. Há algo neste quarto que faz com que uma pequena bola de temor se forme na boca do meu estômago.

Talvez seja a janela. Dá para as traseiras da casa. Se estivesse em apuros e a tentar chamar a atenção de alguém, ninguém me conseguiria ver aqui atrás. Podia berrar e gritar tanto quanto quisesse e ninguém me ouviria.

Mas quem estou eu a enganar? Seria uma sorte viver neste quarto. Com a minha própria casa de banho e uma verdadeira cama onde poderia esticar as pernas totalmente. Aquela pequena cama parece tão boa em comparação com o meu carro que seria capaz de chorar.

– É perfeito – respondo.

A Sra. Winchester parece extática com a minha resposta. Guia-me novamente pela escadaria escura até ao primeiro andar da casa e, ao sair, solto um fôlego que não sabia que tinha estado a suster. Havia algo de muito assustador naquele quarto, mas se, de alguma forma, conseguir ficar com este emprego, ultrapassá-lo-ei. Facilmente.

Os meus ombros relaxam por fim e os meus lábios estão a formar outra pergunta quando oiço uma voz atrás de nós:

– Mamã?

Paro bruscamente e viro-me para ver uma menina atrás de nós no corredor. Tem os mesmos olhos azul-pálidos de Nina Winchester, só que alguns tons mais claros, e um cabelo tão louro que é quase branco. A menina usa um vestido azul muito claro debruado a renda branca. E fita-me como se conseguisse ver através de mim. Até à minha *alma*.

Sabem aqueles filmes sobre o culto assustador de, tipo, miúdos arrepiantes que conseguem ler pensamentos e adoram o Diabo e vivem nos campos de milho ou assim? Bem, se estivessem a escolher atores para um desses filmes, esta rapariga conseguiria o papel. Nem teriam de lhe fazer uma audição. Olhariam para ela e diriam: *Sim, vais ser a rapariga arrepiante número três.*

– Cece! – exclama a Sra. Winchester. – Já voltaste da tua aula de *ballet*?

A menina anui lentamente.

– A mãe da Bella trouxe-me.

A Sra. Winchester envolve os ombros magros da menina com os braços, mas a expressão da criança nunca se altera e os seus claros olhos azuis nunca deixam o meu rosto. Haverá algum problema comigo, para ter medo de que esta menina de nove anos me vá assassinar?

– Esta é a Millie – diz a Sra. Winchester à sua filha. – Millie, esta é a minha filha, Cecelia.

Os olhos da pequena Cecelia são duas pequenas poças do oceano.

– Prazer em conhecê-la, Millie – diz ela educadamente.

Diria que que há pelo menos vinte e cinco por cento de probabilidades de me assassinar durante o sono se eu conseguir este emprego. Mas quero-o na mesma.

A Sra. Winchester deposita um beijo no alto da cabeça loura da sua filha e a menina parte a toda a pressa para o seu quarto. Tem certamente uma sinistra casa de bonecas lá dentro, que ganham vida à noite. Talvez seja uma das bonecas que me vai matar.

Certo, estou a ser ridícula. Provavelmente, aquela menina é extremamente doce. Não tem culpa de que lhe tenham vestido um arrepiante traje de criança fantasma vitoriana. E eu adoro miúdos, em geral. Não que tenha interagido muito com eles na última década.

Assim que regressamos ao piso térreo, a tensão deixa o meu corpo. A Sra. Winchester é simpática e suficientemente normal – para uma senhora assim tão rica – e, enquanto tagarela sobre a casa e a sua filha e o emprego, eu oiço-a apenas vagamente. Tudo o que sei é que este será um local encantador para trabalhar. Daria o meu braço direito para conseguir este emprego.

– Tem alguma pergunta, Millie? – pergunta-me.

Abano a cabeça.

– Não, senhora Winchester.

Ela faz estalar a língua.

– Por favor, trate-me por Nina. Se vai trabalhar aqui, sentir-me-ia tão tola consigo a tratar-me por *senhora Winchester* – ri.

– Como se eu fosse uma velhota rica.

– Obrigada... Nina – digo-lhe.

O seu rosto brilha, ainda que isso possa ser das algas ou da casca de pepino ou de seja lá o que for que os ricos aplicam aos rostos. Nina Winchester é o tipo de mulher que faz tratamentos regulares no *spa*.

– Tenho um bom pressentimento acerca disto, Millie. Tenho mesmo.

É difícil não me deixar contagiar pelo seu entusiasmo. É difícil não sentir uma centelha de esperança enquanto aperta a minha mão áspera na sua suave como a de um bebé. Quero acreditar que,

nos próximos dias, irei receber uma chamada de Nina Winchester, a oferecer-me a oportunidade de trabalhar em sua casa e abandonar finalmente a *Casa Nissan*. Quero tanto acreditar nisso.

Mas, independentemente do que mais possa dizer sobre Nina, não é nenhuma idiota. Não vai contratar uma mulher para trabalhar e viver em sua casa e tomar conta da sua filha sem fazer uma simples verificação de antecedentes. E quando o fizer...

Engulo um nó na minha garganta.

Nina Winchester despede-se cordialmente de mim à porta da frente.

– Muito obrigada por ter vindo, Millie – estende a mão para apertar uma vez mais a minha nas suas. – Prometo-lhe que terá notícias minhas em breve.

Não terei. Será a última vez que ponho os pés nesta casa magnífica. Nunca devia ter vindo aqui em primeiro lugar. Devia ter-me candidatado a um emprego que tivesse reais hipóteses de conseguir, em vez de desperdiçar o tempo de ambas aqui. Talvez algo no setor da comida rápida.

O jardineiro que vi da janela do sótão está de volta ao relvado da frente. Ainda tem aquela tesoura gigante e está a moldar uma das sebes mesmo em frente à casa. É um tipo grande, com uma *T-shirt* que exhibe uns músculos impressionantes e mal esconde as tatuagens na parte superior dos seus braços. Ajeita o boné de basebol e os seus olhos muito negros erguem-se fugazmente da tesoura para encontrar os meus do outro lado do relvado.

Ergo a mão em cumprimento.

– Olá – digo.

O homem olha-me fixamente. Não diz olá. Não diz «pare de pisar as minhas flores». Limita-se a fitar-me.

– Prazer em conhecê-lo também – murmuro em surdina.

Saio pelo portão eletrónico de metal que cinge a propriedade e arrasto-me de regresso ao meu carro/casa. Olho para trás uma última vez, para o jardineiro no pátio, que continua a observar-me. Há algo na sua expressão que me causa um calafrio na espinha.

E, então, abana a cabeça de forma quase impercetível. Quase como se estivesse a tentar avisar-me.

Mas não diz uma única palavra.